

Nota de abertura

O que podem as palavras fazer pela liberdade

NATIVIDADE MONTEIRO*

As palavras ditas cruzam-se e interactuam;
nenhuma existe sem o horizonte de recepção
que a rejeita, a consola ou a transforma. (Farge, 1999, p. 19)

É com muita alegria e satisfação que apresentamos mais um número da revista *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*. Cada número da revista é fruto do empenho, dedicação e voluntarismo de uma equipa que se vai renovando e de muitas outras pessoas que, generosamente, colaboram connosco ao longo de todo o processo. A todas, o nosso reconhecimento. Como figura de capa escolhemos Maria Teresa Horta (1937-2025), a jornalista, poetisa e feminista portuguesa que a BBC considerou, em 2024, uma das mulheres mais influentes e inspiradoras a nível mundial. Agradecemos às investigadoras e

.....

* DOI: <https://doi.org/10.34619/bin8-ymkb>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7944-8363>
Universidade NOVA de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, História, Território e Comunidades/Centro de Ecologia Funcional (HTC/CFE). Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA). Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher, 1070-312 Lisboa, Portugal.
nati.monteiro@netcabo.pt

investigadores da obra de Maria Teresa Horta o seu contributo para a singela homenagem que lhe prestamos; e às três pioneiras do Movimento de Libertação das Mulheres, os testemunhos da amizade que as unia à homenagem, bem como a partilha das memórias da Manifestação Feminista do Parque Eduardo VII, em 13 de Janeiro de 1975. Igualmente agradecemos às autoras e autores dos estudos e textos que constituem as diferentes secções da revista. Um agradecimento muito especial ainda à família de Maria Teresa Horta pela cedência das fotografias, bem como ao fotógrafo Alfredo Cunha que autorizou a publicação da que é reproduzida na capa da revista.

Maria Teresa Horta foi uma mulher de causas, uma mulher de paixões e uma mulher de palavras que falava e escrevia fora das normas e que escolheu um lugar transgressor para interpelar, desafiar, subverter e chocar, sabendo que a sua ousadia despertaria sentimentos contraditórios, entre a admiração e a rejeição. Desde cedo que lutou pela liberdade de ser ela própria, apesar de incompreendida e apelidada de estranha. A menina sonhadora e rebelde, carente e desprotegida que só queria ser amada, cedo descobriu na escrita o seu refúgio e o seu porto de abrigo. Ler, interpretar e questionar a realidade social e política e a ordem patriarcal através da literatura, descobrir-se na poesia, desobedecer aos cânones, libertar as palavras da opressão normativa dos interditos, dar-lhes o direito de cidade – era fazer a diferença, introduzir a novidade e celebrar na escrita a liberdade de pensar, de sentir e de agir. Por ocasião da nova edição da sua obra *Ambas as mãos sobre o corpo*, o poeta Manuel Alegre louvou a sua coragem e talento pela “sublevação da linguagem, insurreição poética, revolução moral, porque restituiu às palavras a sua verdade e ao corpo o seu direito à santidade do prazer”. Ninguém antes dela tinha “libertado os sentidos”, celebrado a “conjugação dos corpos, numa sagração poética onde não há interditos nem tabus”. “Senhora da liberdade e da poesia”, ela “desarrumou as normas da linguagem e das regras estabelecidas”, ela fez a revolução (Alegre, 2016, como citado em Reis, 2024, pp. 201-202).

Maria Teresa Horta foi uma opositora à ditadura salazarista e uma activista pelos direitos das mulheres, quando afirmar-se feminista era subversivo. Os seus livros causaram engulhos ao regime e as perseguições políticas não se fizeram esperar. Após a publicação do livro *Minha Senhora de Mim*, em que reclamava o direito de falar do corpo, do desejo e da sexualidade, os agentes da PIDE, que já tinham feito incursões em sua casa, espancaram-na

em plena via pública, deixando-lhe a mensagem clara de que ‘aquilo’ era para ela “aprender a não escrever como escrevia”.

Os regimes autoritários sempre tiveram medo das palavras ditas e escritas fora do lugar, porque falam de coisas diferentes e colidem com as normas do momento e, ao cruzarem-se com outras, similares ou discordantes, criam tensões e actuam sobre a realidade política e social, abrindo brechas e provocando rupturas. As vozes singulares têm como horizonte uma comunidade de iguais, com a qual procuram estabelecer uma relação e um vínculo particulares, com vista a um compromisso de mudança, porque os seres humanos comprometem em palavras o seu destino colectivo. “O real tem lugar onde umas singularidades [...], a partir da distância singular que as leva a tomar a palavra, desenham uma comunidade infigurável aberta/oferecida onde outras singularidades se arriscam e aí vão inscrever a sua palavra, o seu acto, a sua distância produtora de comunidade” (Rancière, 1993, como citado em Farge, 1999, p. 130).

As palavras foram também a arma utilizada por Maria Teresa Horta e pelas companheiras Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa nas *Novas Cartas Portuguesas*, obra publicada, censurada e proibida, “em plena era da libertação da mulher portuguesa” (2010, p. 220). Mariana Alcoforado, a enclausurada no convento de Beja e suposta autora das *Lettres portugaises*, convertida em figura mítica representativa da feminilidade portuguesa (Klobucka, 2006), foi a inspiração das três Marias para a construção de um livro escrito a seis mãos, que desestabilizou as noções fixas de autoria, de autoridade e de géneros literários (Amaral, 2010). O livro foi considerado pornográfico e atentatório da moral pública e as autoras foram sujeitas a um processo judicial movido pelo Estado português, só resolvido após o 25 de Abril com a absolvição das acusadas.

Durante o processo, o livro teve um grande impacto, sobretudo no mundo literário e nos meios feministas. Personalidades portuguesas e estrangeiras mostraram-se solidárias e promoveram manifestações e acções diversas em defesa das autoras. A tradução em várias línguas levou longe a mensagem de denúncia de um regime político repressivo que sustentava uma guerra colonial há mais de uma década e de uma sociedade opressora que discriminava, minorizava e marginalizava as mulheres, condenando-as a uma eterna clausura. Embora as autoras tenham negado a intenção de fazer um livro feminista, a verdade é que ele se transformou em emblema

dos movimentos feministas, tanto a nível nacional como internacional. Também é tangível que nele perpassa um subtil perfume de feminismo e uma acentuada cor de militância na luta pelos direitos das mulheres, militância essa já patente em qualquer das obras antes publicadas pelas autoras, e que se tornará mais visível e consistente com a criação do *Movimento de Libertação das Mulheres* (MLM), pela mão de Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta, em Maio de 1974.

O MLM, à semelhança de outros movimentos de mulheres iniciados após a Revolução de Abril, contestou as bases da sociedade patriarcal e reivindicou a igualdade de direitos em todas as dimensões das relações humanas e da vida em sociedade. O radicalismo d’*As Novas Cartas Portuguesas* e do MLM agitou os ventos de mudança num país parado no tempo, de modo a que este acertasse o passo com os movimentos feministas internacionais. Ambos constituem um lugar de memória que vale a pena conhecer e preservar para as gerações vindouras e um objecto de estudo para a História das Mulheres e para os Estudos Feministas e de Género.

REFERÊNCIAS

- Amaral, A. L. (2010). Breve introdução [Brief introduction]. In M. I. Barreno, M. V. Costa & M. T. Horta, *Novas Cartas Portuguesas. Edição anotada* (pp. xv-xxvi). D. Quixote.
- Barreno, M. I., Costa, M. V., & Horta, M. T. (2010). *Novas Cartas Portuguesas. Edição anotada* [New Portuguese Letters. Annotated edition]. D. Quixote.
- Farge, A. (1999). *Lugares para a História* [Places for History]. Teorema.
- Klobucka, A. (2006). *Mariana Alcoforado. Formação de um mito cultural* [Mariana Alcoforado. Formation of a cultural myth]. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Reis, P. (2024). *A desobediente. Biografia de Maria Teresa Horta* [The Disobedient One. Biography of Maria Teresa Horta]. Contraponto.

Data de submissão/Submission date: 10/02/2026

Aceite para publicação/Accepted for publication: 13/02/2026

Esta revista tem uma licença Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) / This journal is licensed under a Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) license